

O LUGAR DA IDENTIDADE, DA ANCESTRALIDADE E DA MULHER NEGRA: TESSITURAS TEMÁTICAS NO CONTO “OLHOS D’ÁGUA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Josenéia Silva Costa*

RESUMO

Neste ensaio proponho breves reflexões sobre o lugar da identidade negra, da ancestralidade e da mulher negra que subjazem da produção literária de Conceição Evaristo, especificamente no Conto “Olhos d’água”, da obra homônima desta autora. O conto é um convite a perscrutar tanto a identidade negra quanto a ancestralidade, naquilo que alguns críticos literários chamam de desenraizamento cultural. Contudo, tais reflexões são atravessadas, a todo momento, por considerações acerca do que é ser intelectual, por acreditar que é urgente o engajamento de mais mulheres negras na luta contra o racismo e sexismo que assombram cada vez mais os nossos dias. Assim, pautada em leituras que perpassam por Bell Hooks (2005), Cornel West (1999), Michel Foucault (1979), Nilma Lino Gomes (2010), Patrícia Hill Collins (2016), Stuart Hall (2015), dentre outros, tento problematizar o lugar social da mulher negra no que tange as configurações identitárias negras que a constitui não só no conto em análise, mas também no que constitui a autora enquanto intelectual negra brasileira, uma vez que, por meio da noção de escrevivência, jogo vocabular que traz à cena as noções de escrever, viver e ser, como afirma a autora, fica claro que essa escrita é interpelada por um lugar de mulher negra, uma vez que tanto a condição de gênero quanto a de raça potencializam a escrita dessa intelectual, por se tratar de um *locus*, e de uma autoria que carrega tanto as marcas da subjetividade desses lugares de fala, como a especificidade que permeiam tais condições. Assim, o conto aborda de forma literária a dor poética da pobreza, o lirismo transgeracional de mulheres negras, memórias afetivas de infância, e o mistério da cor dos olhos da mãe da protagonista, que precisa se (re)descobrir por meio do retorno às suas origens, a fim de enxergar a si mesma, a sua história, a história da sua filha e assim resgatar sua identidade. Neste ensaio, objetivo fazer um apelo poético a outras mulheres, que como eu, se descobriu negra, tardiamente, e que precisa reinventar novas formas de existir.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Conto; Olhos d’água; Identidade negra; Mulher negra.

RESÚMEN: EL LUGAR DE LA IDENTIDAD, DE LA ANCESTRALIDAD Y DE LA MUJER NEGRA: TEJIDOS TEMÁTICOS EN EL CUENTO “OLHOS D’ÁGUA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

En este ensayo propongo breves reflexiones sobre el lugar de identidad negra, ascendencia y mujer negra que subyacen en la producción literaria de Conceição Evaristo, específicamente en el cuento "Olhos d’água" [Ojos de agua], de la obra homónima del autor. El cuento es una invitación a mirar tanto la identidad negra como la ascendencia

*Professora da Área de Linguagens, do Colegiado de Letras, do Departamento de Ciências Humanas, campus I, da Universidade do Estado da Bahia. Doutoranda no Curso de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O presente ensaio foi apresentado no componente Estudo de Expressões Identitárias, (UFBA). E-mail: josycosta34@yahoo.com.br

en lo que algunos críticos literarios llaman desarraigo cultural. Sin embargo, tales reflexiones están constantemente impregnadas de consideraciones sobre lo que es ser intelectual, creyendo que la participación de más mujeres negras en la lucha contra el racismo y el sexismo que cada vez atormentan nuestros días es urgente. Por lo tanto, basado en lecturas que pasan por Bell Hooks (2005), Cornel West (1999), Michel Foucault (1979), Nilma Lino Gomes (2010), Patricia Hill Collins (2016), Stuart Hall (2015), entre otros, intento problematizar el lugar social de la mujer negra en relación con las configuraciones de identidad negra que la constituyen no solo en la historia bajo análisis, sino también en lo que constituye la autora como intelectual negra brasileña, ya que, a través de la noción de escritura, un juego de vocabulario que trae a la escena las nociones de escritura, vida y ser, como dice el autor, está claro que esta escritura es cuestionada por un lugar de mujer negra, ya que tanto la condición de género como la raza mejoran la escritura de este intelectual, porque es un *locus*, y también una autoría que lleva las marcas de la subjetividad de estos lugares de habla, así como la especificidad que impregna tales condiciones. Por lo tanto, el cuento aborda en forma literaria el dolor poético de la pobreza, el lirismo transgeneracional de las mujeres negras, los recuerdos afectivos de la infancia y el misterio del color de ojos de la madre del protagonista, que debe ser (re) descubierto a través del regreso a sus orígenes para verse a sí misma, su historia, la historia de su hija y así redimir su identidad. En este ensayo, pretendo hacer un llamamiento poético a otras mujeres que, como yo, se encontraron negras, tardíamente y que necesitan reinventar nuevas formas de existencia.

Palabras clave: Conceição Evaristo; Cuento; Olhos d'água; Identidad negra; Mujer negra

Introdução

Um dos maiores desafios do intelectual negro que assim se posiciona talvez seja a sua capacidade e coragem de romper com estruturas opressoras, de construir novas categorias analíticas e literárias através da criação.

(Nilma Lino Gomes).

É importante perceber que, mesmo ainda em número muito reduzido se comparado ao número de escritores brancos, os intelectuais e escritores negros, na contemporaneidade, têm assumido um papel de “indagar a

produção do conhecimento acadêmico e o lugar ocupado pelo outro, pelo diferente e pelas diferenças”, como bem afirma Gomes (2010, p. 495). Contudo, numa sociedade racista e sexista tal qual se configura, ainda hoje, o Brasil, até que uma mulher negra seja reconhecida como intelectual, ela é submetida a todo tipo de violência racial e de gênero.

Foi pensando nessas questões e refletindo sobre a posição de muitas mulheres negras acadêmicas em nosso país que, no primeiro dia de aula no componente “Estudos de

Expressões Identitárias”, ministrado por uma das mais respeitadas intelectuais negras brasileiras, docente da Universidade Federal da Bahia, a professora Florentina Souza, ao ouvir um questionamento feito à turma sobre o que era ser intelectual, acreditei que poderia afirmar que me considerava intelectual. Pois, certa de que o primeiro diploma universitário da família, majoritariamente negra, não era só meu, mas de todos aqueles que estiveram direta e indiretamente envolvidos naquele processo de construção do *locus* de negra universitária, como bem afirma a professora baiana e ativista negra, Vilma Reis, indiquei-me como uma intelectual. Ao ser interpelada para que discorresse sobre os motivos pelos quais me considerava nessa condição, hesitei e em meio a uma confusão de ideias não me senti preparada argumentativamente para defender tal concepção. Talvez porque efetivamente ainda não tinha discutido em profundidade sobre o que é ser intelectual, e o conceito que até então tinha tido acesso, perpassava muito mais pela formação do senso comum,

importante também na construção do conhecimento, mas que não dava conta de responder ao questionamento com consistência.

Hoje concebo ser o intelectual aquele que não apenas lida com ideias, mas que lida com ideias, transgredindo fronteiras discursivas, porque vê a necessidade de fazê-lo, uma vez que se preocupa em relacionar suas ideias à uma cultura política mais ampla, como bem afirma Hooks (2005, p.468). Ser intelectual é além de se importar com a teoria, é pensá-la a partir de um lugar que efetivamente possa promover uma revolução, ou como diria West (1999), uma revolta, que promova mudanças no *status quo* da sociedade racista, sexista e classista, nos moldes que ainda vemos/vivemos.

Essas reflexões levaram-me a entender que ser acadêmica não é uma *conditio sine qua non* para ser intelectual. Pelo contrário, podemos encontrar intelectuais pulverizados em todos os espaços da sociedade, assim como conhecemos muitos acadêmicos que não podem ser chamados, tão pouco considerados,

como intelectuais. Hooks (2005, p. 465) afirma que

para muitos de nós tem parecido mais um chamado, que uma escolha vocacional. Somos impelidos, até mesmo empurrados para o trabalho intelectual por forças mais poderosas que a vontade individual.” (HOOKS, 2005, p.465).

Mas ela não esquece de que essa “escolha de se tornar um intelectual negro é um ato de marginalidade auto-imposta, assim como garante-lhe um *status* periférico dentro e para a comunidade negra”, de acordo com West (1999).

Contudo, para quem acredita que a educação é o meio de mobilidade de classe (HOOKS, 2005), ser intelectual é não aceitar ser zelador de ideias e tão pouco guardador de ideologias, uma vez que, os intelectuais “são indivíduos que pensam de forma diferente e tendem a serem perturbadores da complacência e da acomodação” (OUTHWAITE; BOTTONORRE, 1996, p. 386-387). É um ser híbrido que tem um modo de produção particular e que está a serviço das ideias, e pode servir como “testemunha esclarecida, capaz de

analisar as forças que atuavam sobre mim e através dessa compreensão manter um senso separado de mim mesma” (HOOKS, 2005, p. 466), e essa opção pode ser um refúgio lúcido e uma direção necessária para se construir uma identidade subjetiva. Se a sociedade ocidental construiu uma ideia, uma cultura, uma crença de que as negras/os negros não têm capacidades intelectuais, assimilando esse lugar aos homens brancos, quase sempre de meia idade, e a nós sempre foi associada a imagem de força e não de intelecto, de irracionalidade e ausência de produção cultural, já passou da hora de buscarmos meios de legitimarmos cada vez mais nossa capacidade produtora, inventiva e intelectual.

Assim, refletindo sobre o que é ser intelectual, hoje conseguiria responder à mestra, que ainda que se caminhe responsabilmente pelos trilhos da academia, se autointitular intelectual, somente pela atuação comprometida, é um equívoco. É preciso mais, é necessário “[...] produzir um conhecimento que tem como objetivo dar visibilidade a subjetividades, desigualdades,

silenciamentos e omissões a determinados grupos sociorraciais e suas vivências” (GOMES, 2010, p. 495), ou mesmo construir uma trajetória de produção, reflexão e intervenção na interatividade entre o *ethos* político com a discussão racial e o *ethos* acadêmico- científico, como pontua Gomes (2010, p. 5000). É preciso causar incômodo, criar conceitos (SOUZA, 2017); saber que “a teoria é uma caixa de ferramentas” (DELEUZE, 1979), mas se não soubermos utilizá-la, não irá funcionar, uma vez que o que marca o intelectual é o seu julgamento crítico, a reflexão que faz acerca de um acontecimento (SOUZA, 2017).

Mas o intelectual negro passa por um grande dilema, como diz Cornel West (1999), pois quando se coloca/se situa nesse lugar, centra-se também na marginalidade, uma vez que o abismo entre intelectuais negros e brancos continua, e a politização da vida intelectual tensiona ainda mais as relações, deixando a atividade do intelectual negro envolta num clima hostil

(WEST, 1999, p. 2). O que não se esperava é que muitos daqueles historicamente subalternizados, colonizados e subjugados cruelmente, reivindicariam seus lugares de fala com ativismo, consubstanciamento, propriedade e qualidade intelectual. E isso só é possível devido à agência¹ de negras e negros que tentam subverter o lugar, que se queria para nós negras(os), criado num sistema de dominação racial branco e sexista. Por isso,

[...] este clima hostil exige hoje que intelectuais negros se voltem para suas próprias pesquisas-instituições, jornais e periódicos- o que, por sua vez reforça, de fato, as práticas separatistas raciais da sua vida intelectual[...] (WEST, 1999, p. 2).

Somente por meio de redes institucionais poderemos nos organizar com o objetivo de provocar uma insurgência negra, agregando negras(os) que não estão filiadas(os) a nenhuma instituição formal.

¹ “Agência é a capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana.” (ASANTE, 2009, p. 94).

Exemplo do poder do agenciamento pode ser visto no Brasil com a criação de **Cadernos Negros** (1990), publicação do coletivo e editora Quilombhoje, idealizado, organizado por Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Cuti e Abelardo Rodrigues e difusor da escrita de mulheres e homens negros, a fim de incentivar a produção de uma literatura, assim como a reflexão sobre ela, imbuída de valorizar a cultura afrobrasileira, como afirma Ruffato (2009). Se para homens negros sempre foi difícil ser respeitados como intelectuais, para as mulheres, que tudo chegou mais tarde, sempre foi um desafio maior, porque “o imaginário brasileiro, pelo racismo, não concebe reconhecer que as mulheres negras são intelectuais” (EVARISTO, 2017, p. 2) e ainda porque “a subordinação sexista na vida intelectual negra continua a obscurecer e desvalorizar a obra das intelectuais negras” (HOOKS, 2005, p.467). Por isso é urgente aprimorar as infraestruturas negras para uma maior difusão de atividades intelectuais negras (WEST,1999, p.9). Mas uma difusão também de atividades de intelectuais negras, por

meio do senso de coletividade, onde, em rede, estejamos dispostas a ler, difundir, discutir, citar, atuar sobre mentes e corpos negros que precisam romper com o antintelectualismo tão propagado e incutido em mentes negras e não negras sobre a intelectual negra. “As negras precisam revisar ideias de trabalho intelectual que nos permitam abarcar a preocupação com a vida mental e o bem estar em comunidade” (HOOKS, 2005, p. 474-475). Esse é um dos convites que Hooks (2005) nos faz para que não mais sejamos vistas como corpos somente. Assim, mudar essa representação e acabar com essa aceitação cultural, requer um envolvimento maior nosso com essa vida intelectual, tão cara às nossas demandas.

Dessa forma, discutir brevemente sobre ser ou não intelectual negra, nesta seção, foi a forma que encontrei de antecipar a discussão sobre identidade, ancestralidade e mulher negra no conto “Olhos d’água”, a fim de propor uma tessitura leitora sobre a obra, em simultaneidade ao fazer literário de Conceição Evaristo, já que o

intelectual não pode estar fora da sociedade em que vive; ele sempre estará inserido, entrelaçado, refletindo suas “escrevivências”², seu estar no mundo, suas dores, experiências e seus desejos de mudança. Por isso, neste ensaio, por meio de uma leitura suave, mas que se quer intensa do conto “Olhos d’água”, objetivo fazer um apelo poético a outras mulheres, que como eu, se descobriu negra, tardiamente, e que precisa reinventar novas formas de existir. E nada melhor do que lermos outras mulheres negras para nos inspirar a configurarmos nossas identidades e para nos motivar a resistir.

2 A identidade, a ancestralidade e a mulher negra em “Olhos d’água”

A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ninar os da casa grande e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.

(Conceição Evaristo)

Quem é Conceição Evaristo? Quem é essa mulher negra que por meio das suas produções literárias, dos seus questionamentos, força imaginativa e ressignificação de suas vivências consegue convidar outras mulheres negras a quebrarem o silêncio e romperem como velhos imaginários que permeavam os corpos de mulheres negras? Conceição Evaristo surge como uma voz que assegura às mulheres negras um lugar que reivindica um pertencimento social, étnico e de gênero, na grande maioria de suas obras literárias. Aponta para um comportamento literário que denuncia o “pensamento sexista/racista sobre a identidade feminina negra” (HOOKS, p.469), quando apresenta aquela mãe preta altamente qualificada na função que exerce, amorosa por natureza, mas que não está e não deve ser ligada ao pensamento cultural que traz o papel de mulher negra fadada à vida doméstica. Essa mulher negra é aquela que utiliza da criatividade

² Escrevivência é um conceito cunhado por Conceição Evaristo, e relaciona-se com as ideias de “escrever e viver; escrever-se e se ver”, como explicou a autora no Encontro Regional dos Estudantes de Letras (EREL), 2018, Salvador, Reitoria da Universidade Federal da Bahia.

para superar as agruras da vida pobre: “[...]era nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões, a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha.” (EVARISTO, 2016, p. 17). Essa abordagem se deve ao comprometimento da escritora de não aliar a imagem da mulher negra ao lugar que sempre fora destinado em muitas obras, outrora consideradas canônicas, de escritores negros. A sua pretensão é borrar a imagem delas que sempre foram vistas somente como mãe preta, aquela a serviço das crianças brancas, de suas senhoras e de seus senhores. Porque textos de autoria de mulheres negras precisam demonstrar uma experiência diferenciada, uma escrita específica; precisam apresentar contranarrativas e isso se faz por meio de escolhas: da linguagem, da narrativa, do enredo. Pois uma mulher negra ao escrever nunca deve ter uma escrevivência inocente, ingênua; uma vez que o nosso texto é racialmente marcado pelo nosso lugar de fala (EVARISTO, 2018).

Ciente de que a literatura não pode ser considerada como um fiel retrato da sociedade em que é produzida, não se pode afirmar, entretanto, que o discurso literário nasce e circula imune e impune ao meio em que foi criado. No ato criativo de ‘imitação da vida’, no movimento de discordância e/ou de concordância com a existência que lhe é consentida, ou com aquela que a sua percepção lhe permite alcançar, o sujeito autoral acaba por colocar no texto sinais reveladores da constituição de uma sociedade em determinado momento histórico. Sinais esses que, como marcas textuais, podem ser capturados nas linhas e muito também nas entrelinhas dos textos. (EVARISTO, 2009, p 20).

Posto isto, tomo o conto “Olhos d’água”, de autoria de Evaristo (2016) a partir do trecho: “Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de felicidade” (EVARISTO, 2016, p.16). Essa afirmação da personagem apresenta-se como uma declaração que propõe ao leitor questionar-se sobre o fato de como não lembrar da cor dos olhos da mãe, se tantos detalhes eram lembrados, como a “unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo”, até as reações e gestos específicos daquela mulher

que “[...] riu tanto até a lágrima escorrer” (p.16). Contudo, a escolha dessa tessitura narrativa, desse enredo que emociona, leva-nos a perceber o quanto estamos alheios e muitas vezes insensíveis a uma série de questões que nos ladeiam. É um convite a visitarmos a história dessa narradora que pode ser também a nossa, ou mesmo se confunde com história da própria autora, “Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas,” (EVARISTO, 2016, p. 16), que sempre afirma que sua escrita é contaminada pela sua condição de mulher negra.

Gerar emoção, questionamentos, ao tempo que marca de maneira subjetiva a importância da história de nossos ancestrais, remete-nos a uma textualidade em que o corpo da mulher negra, suas lembranças são pautadas por meio de uma experiência vivida, que não se restringe à narradora, mas que afeta

a mim e a tantas outras mulheres negras que se identificam com o conto e que são tomadas por questionamentos acerca das identidades de mulheres negras. E isso só é possível porque a autora, a potência intelectual que é Conceição Evaristo, em suas escrituras, reforça seu lugar de *outsider within*³, cujas abordagens são pautadas na aprendizagem de “confiar em suas próprias biografias pessoais e culturais como fontes significativas de conhecimento (COLLINS, 2016, p. 123). A própria Evaristo (2018) ao ser questionada, por mim, sobre o que é ser intelectual negra, retoma à noção de escritura, ao responder que é necessário aproveitar o local de suas experiências como lugar de aprendizagens. Exemplifica a pobreza como um local de *episteme*, uma vez que foi desse lugar que aprendeu. Contudo, ressalta não se tratar de uma apologia à pobreza, porque ela só se torna aprendizagem

³ Ainda que o termo tenha traduções como “estrangeiras de dentro, forasteiras de dentro”, de maneira geral, pode significar a perspectiva singular a qual as mulheres negras compartilham suas experiências, suas visões.

quando é vencida; quando não é, continua sendo um local de interdição (EVARISTO, 2018b). A autora prossegue pontuando que outro aspecto que faz parte de sua formação enquanto intelectual negra são suas escolhas de leitura. Lê Carolina Maria de Jesus ao mesmo tempo que lê Clarice Lispector; debruça-se nas leituras de Cuti, assim como nas de Carlos Drummond de Andrade, por acreditar que só nós negros temos a sapiência de transitarmos nesses lugares, de travarmos esse diálogo, uma vez que a Academia (os Cursos de Letras, ainda) só conhece Clarice Lispector e Drummond de Andrade. Reforça a discussão sobre ser uma intelectual negra afirmando que nossa intelectualidade é formada a partir de um outro espaço, por isso nossas discussões têm mais consistência e bem por isso incomoda a academia. (EVARISTO, 2018b).

Ainda sobre escrevivência, Evaristo (2018a) afirma:

Não é que o homem não possa escrever sobre a mulher. Pode. Não é que o branco não possa escrever sobre o negro. Pode. Mas quando esse discurso falado ou escrito carrega a nossa subjetividade,

justamente porque ele nasce num lugar social, num lugar de gênero, num lugar racial diferente, ele traz determinadas peculiaridades que aquele que escreve de fora, por mais que seja competente do ponto de vista intelectual ou emocional, não vai trazer. Ele não traz uma carga de quem escreve de dentro. (EVARISTO, 2018a, p.3).

No conto em pauta, o questionamento “De que cor eram os olhos de minha mãe?”, é o fio que conduz a narradora-personagem a tomar consciência sobre sua identidade perdida. Para tanto, é necessário que ela faça uma viagem retornando à sua cidade natal, que é uma simbologia para o retorno às suas memórias de infância, às suas divagações de criança e reflexões de adulta. Falar de espaço, territorialidade é remontar ao simbolismo de estar ligado a memórias, sentimentos e desejo de pertencer, de estar conectado a uma construção tanto de identidade social, como de identidade ancestral, como demonstra a passagem que segue: “Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. [...] Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família.” (EVARISTO, 2016,

p.18). E a personagem ainda afirma que “[...]entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde África vinham arando a terra da vida com as suas próprias **mãos, palavras e sangue**” (EVARISTO, 2016, p. 18, grifo nosso). Essa ancestralidade reivindicada e demarcada no conto, reforça premissas de uma identidade sociológica, que segundo Hall (2015) vai preencher um espaço entre o interior e o exterior, respectivamente simbolizados pelo mundo pessoal e o público, que permitem nos projetarmos em identidades culturais que, de alguma forma, consumimos e internalizamos, a fim de ocuparmos determinados lugares no meio social e cultural. A identidade costura o sujeito à estrutura (HALL, 2015, p. 11). E justamente por se encontrar distante das mulheres da sua família, e por conseguinte de referenciais identitários, que a narradora precisa retornar às suas origens, devido à necessidade angustiante de descobrir/relembrar a cor dos olhos de sua mãe.

A cor desses olhos pode ser vista também como uma necessidade

da narradora enxergar a si mesma, contudo, nada poderia ser melhor do que se ver por meio da imagem que sua mãe a vê. Eu, hoje, na posição de mãe, tenho certeza de que enxergo, vejo a minha filha com os olhos de mais ninguém; pois por meio dos olhos de uma mãe pode transbordar, dentre tantas coisas, muito amor. A identidade outrora perdida pode ser resgatada quando estamos entre os nossos, ou quando podemos nos enxergar por meio dos olhos de nossas mães. E uma dessas mães, é “Mamãe Oxum”, a primeira Yalorixá do Candomblé. Mãe de amor, mãe da riqueza e da fertilidade. Guerreira, Mamãe Oxum é dona das águas dos rios, “[...] rios calmos, mas **profundos e enganosos** para quem contempla a vida apenas pela **superfície**” (EVARISTO, 2016, p.19, grifo nosso). As marcas textuais que Evaristo nos oferta no conto, possibilita-nos relacionar características da mãe da narradora com a própria Mamãe Oxum.

Nessas ocasiões, a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era Senhora, a **Rainha**. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As

flores depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos **reverências à Senhora**. Postávamos deitadas no chão e **batíamos cabeça** para Rainha. Nós, princesas, em volta dela, **cantávamos, dançávamos**, sorriamos. A mãe só ria de maneira triste e com um sorriso **molhado**... [...]Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventa esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía. (EVARISTO, 2016, p. 17, grifo nosso).

No bojo dessa ancestralidade, as imagens dispersas por meio das lexias “Rainha”, “reverência”, “batíamos a cabeça”, “cantávamos”, “dançávamos”, remete o leitor à própria imagem de rituais/cultos do Candomblé, em específico configurações mítico-religiosas que têm o feminino sagrado, e Oxum é a Rainha a quem se faz reverência, a quem se toma o *adobá*, a quem são lançadas as *insabas* (folhas/flores), para quem é dirigido o *xiré* (cantos, danças em roda). Ao apresentar o mítico-religioso, a narradora pode estar querendo conhecer o segredo e no caso do conto em estudo, é conhecer de que cor são os olhos de sua mãe: a materna e/ou a mamãe Oxum. Ou melhor, querendo se (re)conhecer.

A busca de significado, esta inclinação do pensamento humano a compreender a si mesmo e ao mundo, a buscar explicações que justifiquem seu estar no mundo e mesmo o ser do mundo começa, de certo modo, a ser construída e expressa através do modo mítico de pensar. [...] o mito diz respeito aos arquétipos elementares da vida do espírito, e o feminino é um deles. Como em outras esferas, ademais, pode ser compreendido sob os sentidos sagrado e profano, ou mesmo sintetizar esta dicotomia. Um olhar sobre o que podemos chamar de “mitologias do feminino” pode contribuir para a compreensão da condição feminina em seus diferentes aspectos culturais, inclusive determinando as imagens do feminino no mundo contemporâneo. (ROSÁRIO, 2008, p. 3).

Dessa forma, trazer ancestralidade, identidade negra para o centro das discussões é travar enfrentamentos, cuja resistência se dá de maneira subjetiva, por meio da linguagem e das imagens que são construídas intencionalmente, a fim de apresentar uma nova ordem do discurso, em que a identidade e a mulher negra não são objetos, mas sim sujeitos na narrativa.

O estudo de uma escrita sobre o negro, e/ou do negro, pode nos encaminhar para perceber melhor as lutas empreendidas pelos sujeitos em busca de afirmações de identidades historicamente subjugadas. E no caso específico da sociedade brasileira, em que vigoram a ideia e o discurso

celebrativos de uma miscigenação ou mestiçagem como algo constituidor da nação, a literatura aponta e revela a incongruência da fala oficial e do imaginário que nos rege. Se houvesse mesmo uma celebração de nossa mestiçagem, seria motivo de júbilo uma nação enegrecida, e não o contrário. Tudo seria só e realmente uma questão de pele. (EVARISTO, 2009, p. 24).

Em nossa sociedade branca e elitista, tecer narrativas em que identidades negras e de gênero, em que a mulher negra é foco, sujeito, produtora da escrita, é abrir espaço para denúncias de desigualdades sociais, pois “as mulheres já enfrentam interdições por questões de gênero. No caso das negras, as interdições estão fundamentadas na questão de gênero e na questão de raça” (EVARISTO, 2018a, p. 2), é não silenciar as desigualdades entre homens e mulheres. É a oportunidade de falar sobre religiões de matrizes africanas, do lugar que muitos ainda tentam relegar a nós negros; é reforçar o fato de que nós negros em diáspora não podemos perder o rumo de nossas vidas, não devemos deixar à deriva nossos corpos negros, pois uma das formas mais contundentes de combatermos o racismo e o sexismo é a produção intelectual que une pensamento à

prática, de forma que negros e não negros entendam a realidade concreta a qual faz parte esse grupo étnico. Não podemos ser acusadas de repetitivas ou obcecadas por essa discussão sobre identidade; devemos sim mostrar que

acusar-nos de ‘aficionados [sic] por políticas identitárias’ é um argumento falacioso, isto é, quando se quer como dado aquilo que se deseja provar, pois o objetivo principal ao confrontarmos a norma, não é meramente falar de identidades, mas desvelar o uso que as instituições fazem das identidades para oprimir ou privilegiar. O que se quer com esse debate, fundamentalmente, é entender como poder e identidades funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades. Logo, não é uma política reducionista, mas atenta-se para o fato de que as desigualdades são criadas pelo modo como o poder articula essas identidades; são resultantes de uma estrutura de opressão que privilegia certos grupos em detrimentos de outros. (RIBEIRO, 2017, p.31).

É válido ressaltar que o poder penetra em todas as instâncias da sociedade, de maneira sutil e às vezes imperceptível, mas tem um efeito devastador, pois pode inibir, proibir, oprimir e invalidar discursos e saberes, atribuindo a quem de interesse a notoriedade, a visibilidade e o *status*. Por isso,

o papel do intelectual não é mais o de se colocar ‘um pouco na frente ou um pouco de lado’ para se dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é [...] o objeto e instrumento na ordem do saber[...].” (FOUCAULT, 1979, p. 71).

É preciso entender esse poder que opera totalizações. É sobre esse poder que Evaristo (2018) indaga: “É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos”. E é sobre esses enigmas invisíveis e visíveis, ao mesmo tempo, que precisamos resistir, produzir formas criativas de abordar os dilemas identitários das negras e negros. Se a temática negra não é muito bem aceita, principalmente quando aborda questões sobre a identidade, como afirma Evaristo (2018): “quando a temática negra trata do folclore, ou não é tão reivindicativa, aí interessa. Mas quando questiona as próprias relações raciais no Brasil, é quase um tema interdito. Principalmente se isso é colocado pela própria autoria negra”, é sobre ela que nossas produções e

pensamentos devem ser debruçados.

Portanto, o conto em análise traz à tona a possibilidade da mulher negra que, outrora silenciada pela/na História e Literatura, perdeu as perspectivas de sua ancestralidade, de suas identidades de gênero e de raça, devido à própria história que constitui a identidade afrobrasileira, falar e ser ouvida. Trata-se de uma personagem que fala do lugar daquela que quer ser aprendiz dos caminhos possíveis para se reencontrar enquanto filha (de sua mãe de leite e de Mamãe Oxum), sobrinha, mãe, mulher. E isso só é possível porque Conceição Evaristo convida as mulheres negras a refletirem sobre quem são, sobre suas histórias, sobre o que fizeram e fazem em relação aos seus corpos, seus posicionamentos, sobre os laços que desejam construir em suas vidas. Pois esse é um dos papéis da intelectual negra, transformar o que aparentemente é tessitura artístico-literária, em ato político.

3 (In)Conclusões

O conto “Olhos d’água” foi um excelente exemplo para demonstrar de maneira prática o que uma intelectual negra faz ao produzir conhecimento; nesse caso específico, conhecimento literário que mobiliza diferentes discussões. A responsabilidade de cada intelectual negra, escritora comprometida com as questões de gênero e raciais irá incidir sob uma visibilidade maior a personagens, protagonistas negras, ocupando cada vez mais esse lugar incômodo que ocupamos. Por que mulheres negras intelectuais produzem fatos e teorias **sobre** experiências de mulheres negras, para elucidar o ponto de vista **de** mulheres negras, **para** mulheres negras (COLLINS, 2016, p. 102). É isso que elas fazem, é isso que precisamos fazer.

A voz autoral do conto, que é narrado em primeira pessoa com a pretensão de se aproximar de uma obra autobiográfica, dialoga tematicamente com discussões que reportam à identidade negra e à ancestralidade, demonstrando de forma poética e subjetiva as relações com os tempos presente, passado e futuro, pois as imagens da infância

da narradora, uma mulher negra, se confundem com as de sua mãe e as de sua filha. São as formas de viver, ser e escrever crenças, valores, sentimentos e verdades por meio das gerações (desde avó até a neta), através da ancestralidade e acreditando num futuro.

Produções dessa qualidade e pretensão ensinam a importância de se valorizar as escrevivências, as experiências pessoais e coletivas de mulheres negras, que produzem conhecimento como alimento para alma, mas sobretudo como ferramenta política, que têm o compromisso de visibilizar seus lugares, suas vozes e saberes, rompendo com um sistema que sempre tenta deslegitimar produções de mulheres negras.

Estudamos, lemos, escrevemos porque todos nós precisamos passar pelo processo pedagógico de rejeitar o racismo, como afirma Souza (2017), e acrescento que esse mesmo processo precisa ensinar a se rejeitar também o sexismo, o machismo, a homofobia e tantas outras doenças que corroem e apodrecem boa parte da sociedade. Por isso a intelectual negra precisa ser uma militante ativa da palavra, assim como Conceição Evaristo é.

REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: LARKIN, Elisa. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. Sankofa: Matrizes Africanas da cultura Brasileira; 4. São Paulo. Selo Negro. 2009.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. In: **Revista Sociedade e Estado**. vol. 31, nº1. jan/abr., 2016.

DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

EVARISTO, Conceição. Apresentação. In: RUFATTO, Luiz (Org.). **Questão de pele**: contos sobre preconceitos. Coleção Língua Franca. Rio de Janeiro: Editora Língua Geral, 2009.

EVARISTO, Conceição. É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos. **BBC Brasil. com**. 21 mar. 2018. Disponível em:

<<https://www.terra.com.br/diversao/arte-e-cultura/e-preciso-questionar-as-regras-que-me-fizeram-ser-reconhecida-apos-71-anos-dizescritora>>.

Acesso em; 25 mar. 2018a.

EVARISTO, Conceição. Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. In: **Carta Capital**. Rio de Janeiro, 13 maio de 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d>>. Acesso em 5 mar. 2018.

EVARISTO, Conceição. O que é ser intelectual negra. Encontro Regional de Estudantes de Letras (EREL), 29 mar. 2018, Salvador. [**Debate**]. Universidade Federal da Bahia, 2018b.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e a produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SOUZA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Thomas Tadeu da Silva & Guaracira Lopes Louro. 12.ed. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

Hooks, Bell. **Intelectuais negras**. Estudos feministas, Florianópolis, v. 3, n.2, p. 464-478, ago./dez. 2005.

OUTHWAITE William; BOTTONORRE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Trad. Eduardo F. Alves e Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.

ROSÁRIO, Cláudia Cerqueira do. **Oxum e o feminismo sagrado**: algumas considerações sobre mito, religião e cultura. IV ENECULT - Encontro de Estudos

Multidisciplinares em Cultura 28 a 30 de maio de 2008 Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

RUFATTO, Luiz (Org.). **Questão de pele**: contos sobre preconceitos. Coleção Língua Franca. Rio de Janeiro: Editora Língua Geral, 2009.

SOUZA, Florentina. Estudos de Expressões Identitárias. [**Notas de sala de aula**]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2017.

WEST, Cornel. O dilema do intelectual negro. Tradução e notas de Braulino Pereira de Santana, Guacira Cavalcante e Marcos Aurélio Souza. In: West, Cornel. **The dilemma of the Black Intellectual**. Basic Civitas Books, 1999, p. 302-315.